

RECONSTITUIÇÃO SIMULADA EM AMBIENTE VIRTUAL TRAZ NOVOS ÂNGULOS DE CRIMES

O laudo virtual da Polícia Científica de São Paulo que ajudou a indiciar nove PMs envolvidos na morte de jovens em Paraisópolis em 2019 gerou repercussão nas últimas semanas. De acordo com o Desenhista Técnico José Jáisio Gama, “foram empenhadas cerca de 760h de trabalho que resultaram em um laudo pericial de mais de 800 páginas.” Ele é integrante da Equipe de Perícias Criminalísticas do Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP/SP) e acompanhou o caso, utilizando a tecnologia para criar um ambiente virtual que facilitasse as investigações.

Segundo Eduardo Tachlitsky, Perito Criminal lotado na DHPP/SP, uma reprodução simulada convencional seria inviável, tratando-se de uma área extensa, com 17 veículos e 30 policiais envolvidos, além da quantidade de pessoas que estavam na rua na hora.

Com a ajuda da tecnologia, foi possível fazer o levantamento da rua principal e outras duas vielas anexas, recorda Tachlitsky. Drones foram utilizados para coletar as imagens aéreas enquanto scanners 3D analisaram o solo. Depois, as imagens foram transferidas para o computador para serem trabalhadas. “Nós utilizamos dois softwares para trabalhar as nuvens de pontos que criam o ambiente virtual, você traz o espaço para a tela do computador e consegue estabelecer métricas, relações de topografia, altura, determinados pontos em que estavam os declarantes etc.”, explica Gama.

Outra vantagem do ambiente virtual é a possibilidade de inserir personagens em pontos específicos, reconstruindo condições de densidade demográfica através da declaração de testemunhas oculares, diz Gama. “Conforme as testemunhas eram ouvidas, passavam pela equipe de perícias que acompanhava as versões tanto das testemunhas oculares quanto dos policiais para entender a movimentação do dia”, completa Tachlitsky.

A reconstituição virtual é capaz de, inclusive, apresentar novos ângulos que não puderam ser captados por câmeras na data do evento. Ademais, diz Gama, conserva vestígios da data do fato, contribuindo para uma análise apurada. “Você consegue levantamentos de locais muito precisos, bem como as análises. Por meio do vídeo, consegue demonstrar seu resultado para alguém de fora de uma forma visual que seja mais fácil de entender”, conclui. Para Tachlitsky, a reprodução simulada virtual ajuda “por trazer ângulos que não são possíveis através da fotografia, além de permitir a visualização de ações distintas que aconteceram ao mesmo tempo.”

O uso de drones, especificamente, auxilia o trabalho de Peritos Criminais como Marcelo Mazzuco, Engenheiro Civil lotado na Seção de Perícias em Incêndios e Elétricas, na Divisão de Engenharia Legal do Departamento de Criminalística do Paraná. “Nós usamos os drones para registro de fotografias e vídeos em vários ângulos e em situações em que não conseguimos acessar determinado local, por colocar a equipe em risco”. Locais perigosos ou de desabamento, por exemplo, ganham com a ajuda da tecnologia.

A reconstituição de vídeo, entretanto, ainda é utilizada em poucos casos. Marcelo Coutinho Naves é Perito Criminal da Polícia Civil do Distrito Federal e diz que o processo é reservado para casos de maior repercussão e que precisam ser apresentados a outras pessoas. Embora não tenha trabalho no caso, ele cita como exemplo a Boate Kiss (RS): “Uma vez feito o levantamento 3D, foi feito o vídeo. Esse vídeo circulava dentro de toda a boate, mostrando as dificuldades de quem esteve ali dentro no dia do incêndio. O fundamental é tornar o entendimento de um determinado evento mais claro e simples.” De acordo com Naves, o importante é passar a mensagem para que a Justiça possa trabalhar de forma mais precisa. “Os vídeos vêm na tentativa de tornar mais palatável nossas análises e conclusões”, explica.

O aparato para reconstituição virtual ainda é caro, tanto do ponto de vista financeiro quanto de pessoal, uma vez que demanda tempo. Atualmente, a Polícia Científica de São Paulo tem acesso à estrutura, enquanto outros estados ainda iniciam a aquisição. De acordo com Gama, a estrutura para apenas uma equipe de perícia — com scanner e licença de softwares — custa em torno de 400 mil reais, mas vale a pena por suas vantagens.

Recado do presidente

Na última semana de julho o juiz de direito Francisco Seráfico da Nóbrega Coutinho, de Natal (RN), suspendeu um concurso público do Instituto Técnico Científico de Perícia do Rio Grande do Norte (Itep-RN) para o cargo de perito criminal que não seguia as regras previstas nas legislações federal e estadual. É a terceira vez no período de 12 meses que a Associação Brasileira de Criminalística obtém na Justiça uma decisão favorável ao fortalecimento da carreira.

As decisões anteriores foram concedidas pelo Tribunal de Justiça do Mato Grosso do Sul, anulando editais para contratação de peritos criminais e médicos legistas temporários. No caso do Rio Grande do Norte, o magistrado observou em sua decisão que o edital tinha “indícios de ilegalidade”. Ao analisar o caso, Coutinho destacou que o cargo de perito criminal exige que o servidor tenha expertise técnica. “Se não há necessidade de conhecimento especializado, não há necessidade do perito”, ressaltou na decisão.

A ABC está atenta para evitar que os concursos para contratação de peritos oficiais respeitem as regras previstas na legislação.

Leandro Lima, presidente da ABC



Foto feita de drone em Paraisópolis (SP)

Prédio do Instituto de Polícia Científica na PB homenageia perito Guilherme Batista

O governador da Paraíba, João Azevedo, sancionou no dia 9 de julho a lei 12.006/2021, que nomeia o prédio do IPC (Instituto de Polícia Científica) como Guilherme Nogueira Batista, numa homenagem ao ex-presidente do Sindicato dos Peritos Oficiais Criminais da Paraíba e diretor da ABC, que morreu vítima de complicações da Covid-19 em 6 de abril, aos 35 anos. A lei é de autoria do deputado Bosco Carneiro (Cidadania) e tem como justificativa o destaque da atuação de Guilherme no sindicato, o compromisso com o avanço da criminalística brasileira e a valorização da ciência contra o crime. Antes de falecer, ele chegou a enviar uma mensagem de despedida nas suas plataformas sociais para os colegas de trabalho.



NAS REDES SOCIAIS

NOVAS TECNOLOGIAS PERMITEM AGILIZAR TRABALHO DOS PERITOS CRIMINAIS

Doutor em ciências farmacêuticas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Carlos Henrique Tabosa optou pela carreira de perito criminal pela chance de “de usar a ciência para provas os fatos e de poder ter importância para a sociedade e para a minha família”. Com 60 mil seguidores no Instagram, 38 mil no YouTube e 12 mil no Facebook, ele, que atua em PE, usa as redes sociais para “ajudar as pessoas nessa jornada de se tornar perito criminal ou de simplesmente conhecer mais sobre a profissão e o dia a dia”, diz.

Quais motivos o levaram a seguir a carreira de perito criminal?

No primeiro momento a possibilidade de trabalhar na polícia, aqui em Pernambuco nós fazemos parte do quadro da polícia civil. Mas principalmente a chance de usar a ciência para provar os fatos e de poder ter importância para a sociedade e para a minha família. De ser possível impactar de forma positiva a vida das pessoas que buscam justiça. Eu me orgulho muito em ser do time da Polícia Científica.

Sua formação universitária é em qual área e desde quando atua como perito?

Eu sou Farmacêutico, me formei pela UFPE, mesmo local no qual fiz meu mestrado e doutorado (concluído em 2012) em Ciências Farmacêuticas. Atuo como perito desde 2009.

O que o inspira no dia a dia profissional?

Poder ajudar a sociedade a partir das reflexões sobre como os fatos aconteceram, baseado no raciocínio lógico e na ciência. É muito desafiador saber que nós vamos ter que chegar a respostas que são necessárias para elucidar acontecimentos. Todas as vezes que chego a boas conclusões ou vejo exemplos de amigos que conseguiram decifrar atos criminosos, isso me inspira a cada dia melhorar como profissional.

Cite dois casos em que atuou que considera mais relevante?

Foram vários, pelas minhas contas eu já fui para mais de 1500 locais de exames periciais ao longo desses 12 anos de serviço, mas claro que alguns marcaram. Em 2009 eu fiz a perícia no caso do homicídio de um promotor de justiça, um caso teve repercussão nacional e posteriormente foi federalizado. Daí eu tive a oportunidade de trabalhar com uma equipe de 8 peritos da polícia federal. Chegamos aos mesmos resultados e fizemos um bom elo profissional e de amizade.

Agora, em 2021, fiquei muito feliz por saber que um dos exames de locais periciados no qual eu fiz o levantamento, teve nas 46 amostras coletadas no local três matches (combinações) com amostras do banco nacional de perfis genéticos, com crimes acontecidos em outros Estados do Brasil. Isso mostra que as conexões são importantes para trazer justiça à sociedade.

Quais os desafios para a perícia criminal no Brasil nos próximos anos?

Fortalecer as redes nacionais de bancos de dados forenses e conseguir ter profissionais em quantidade suficiente para exercer sempre trabalhos de excelência.



O que o levou a falar sobre perícia criminal nas redes sociais?

Já estive do lado de lá, daqueles que querem se tornar perito criminal. Eu tento mostrar de forma mais leve como é o trabalho e os bastidores, sem o glamour dos seriados, da perícia criminal brasileira. A minha missão é ajudar as pessoas nessa jornada de se tornar perito criminal ou de simplesmente conhecer mais sobre a profissão e o dia a dia.

Três conselhos para quem pretende seguir a carreira?

O primeiro é ter paciência, porque poucas as vezes os acontecimentos na nossa vida são na velocidade que nós desejamos. Ser persistente, pois muitos desistem pelo meio do caminho, seja por medo de acreditar que não vai dar resultado, seja por questões urgentes como ter que arranjar vários trabalhos para sobreviver e isso termina dificultando o objetivo de chegar à perícia. O terceiro é renunciar: você vai ter que renunciar várias coisas importantes na sua vida até alcançar o seu objetivo.

Cite três competências que um bom perito precisa ter?

Ser observador, para não deixar passar detalhes importantes. Ter resiliência, porque você estará sobre questionamento a quase todo momento. Gostar de estudar e ler sobre vários assuntos, você vai precisar

Como as novas tecnologias afetando a rotina dos peritos?

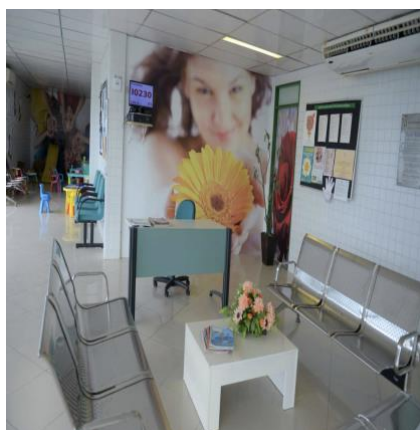
Reduzindo o tempo de resposta, como o estabelecimento de um perfil genético de uma amostra coletada em uma cena de crime. Antes demorava semanas e agora pode ser resumido para horas. Na detecção de drogas através de aparelhos agora portáteis. Pelo desenvolvimento de bancos de dados forenses nacionais.

Quais livros considera essenciais para um perito?

Para quem está começando ou está no nível iniciante e quer aprender sobre as ciências forenses de forma mais leve e aplicada, recomendo os meus livros: O Caso do Marchante Suicida (2019) e O Caso dos Canibais de Pernambuco (2021). Para quem já é perito ou deseja algo com uma apresentação mais formal e mais técnica sobre locais de crime, recomendo que pesquise por autores como Alberi Espindula, Cleber Muller, Jesus Antonio Velho entre outros que são referências nas ciências forenses dentro e fora do país.



Pefoce dispõe de espaço humanizado para atendimento de vítimas de violência doméstica



Acolhimento, conforto, segurança e justiça é o que centenas de mulheres necessitam após passarem por situações de violência doméstica. Muitas dessas vítimas são agredidas dentro de suas casas por quem deveria protegê-las e dar amor: seus companheiros. Para minimizar os danos causados por essa violência e ajudar a romper esse ciclo de violência, a Perícia Forense do Estado do Ceará (Pefoce) dispõe do Núcleo de Atendimento Especial à Mulher, Criança e Adolescente (Namca). O espaço é voltado para o atendimento humanizado das vítimas de violência doméstica e de crimes sexuais, e para a realização de perícias médico-legais, exames que dão suporte nas investigações contra os agressores. Enquanto as Polícias Civil e Militar realizam seu trabalho investigando e prevenindo este tipo de crime, a Pefoce faz os exames médico-legais que vão subsidiar e materializar as provas da violência. As equipes da Pefoce trabalham ainda em locais de crimes, realizando análises laboratoriais na busca de vestígios e comprovação da verdade.

MS – A Perícia Criminal de Mato Grosso do Sul está testando uma nova metodologia na busca de cadáveres inumados (enterrados), além dos cães farejadores do Corpo de Bombeiros. Trata-se do aparelho Conduktivímetro Eletromagnético EM-38, fabricado no Canadá. O aparelho está sendo usado nas buscas de mais corpos em um cemitério clandestino que foi localizado recentemente no bairro Santo Eugênio, em Campo Grande. Segundo o perito Cícero Wagner Calixto dos Santos, que atua no caso, essa nova metodologia foi encontrada após várias pesquisas. “Descobrimos que os métodos geofísicos que envolvem a análise da condutividade elétrica do solo poderiam ser aplicados. No caso do cadáver, a infiltração do chorume no solo altera a salinidade e, com isso, altera a resposta do aparelho. Ou seja, mesmo que a ossada seja retirada, o solo ainda se encontra alterado devido à presença de chorume, apontado nos mapas produzidos pelo aparelho”.

TO – Peritos da Polícia Científica participaram de ação junto com a Polícia Civil para cumprir mandados em Palmas e Aparecida do Rio Negro no dia 5 de julho. A finalidade era verificar possíveis fraudes nos exames toxicológicos dos motoristas das categorias C, D e E, motoristas de caminhão, ônibus e máquinas agrícolas para averiguar se esses condutores estariam sob efeitos de algum estimulante. As autoescolas alvos da operação tinham uma funcionária responsável por buscar as amostras limpas no interior do estado para trocar pelas amostras desses motoristas. A operação contou ainda com a participação do Ministério Público. Esses centros de formação de condutores chegavam a cobrar entre R\$ 600 e R\$ 900 para adulterar o exame, que normalmente custam cerca de R\$ 150.

RS - Peritos IGP (Instituto Geral de Perícias) coletaram mais de 6 mil amostras de DNA dos 17 mil apenados no sistema prisional gaúcho aptos a fornecer o material genético. Até 2022, os peritos pretendem coletar as 11 mil amostras que ainda faltam. Pela lei, condenados em primeira instância por crimes dolosos, com violência grave contra pessoa, homicídio, roubo com uso de arma de fogo, estupro e extorsão mediante sequestro estão obrigados a fornecer amostras de seu próprio DNA para identificação do perfil genético. A inserção do material coletado no início deste ano já gerou resultados positivos na resolução de crimes. O cruzamento do DNA de 1,8 mil condenados com 952 vestígios coletados em locais de crime mostrou 36 relações, apontando a autoria ou a participação de condenados em crimes como estupro, assalto e roubo a banco.

Peritos criminais da região Sul ganham concurso de foto organizado por sindicato do Amazonas

O perito criminal Rafael Heleno Campos, do Paraná, foi o vencedor da segunda edição do Concurso Fotográfico FotoForense com uma imagem fotográfica que retrata o corpo de um homem que estava desaparecido e foi encontrado em um rio ao lado de uma estrada. Em segundo lugar ficou Marcelo Mazzuco, perito do Rio Grande do Sul, com uma foto que retrata o pôr-do-sol ao fundo de uma estrutura destruída da Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul, após um incêndio ocorrido em 14 de julho. O terceiro colocado também é da região Sul: Victor Wilson Botteon, de Santa Catarina, com uma foto da marca de uma mão feita com sangue em uma parede em um local de homicídio. Foram concedidas duas menções honrosas para os peritos Eduardo Rodrigues de Souza e João Francisco dos Anjos, ambos do Amazonas.

